

Busca por indecisos vira duelo sobre economia e corrupção

ELEIÇÕES 2022

CARTADA FINAL

Lula e Bolsonaro usam economia para atrair indecisos e fazem duelo sobre corrupção



Estratégia. Bolsonaro e Lula na TV Globo: com eleição apertada, candidatos buscam o voto de quem ainda não se decidiu

No último debate da campanha presidencial de 2022, realizado ontem pela TV Globo, o ex-presidente Lula (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL) recorreram à defesa de medidas econômicas e programas sociais voltados para os mais pobres e a acusações de corrupção na tentativa de marcar diferenças entre si. Entre acusações mútuas de mentir, postura que já havia marcado encontros anteriores, os candidatos também recorreram a temas que até então haviam tido espaço secundário, como política externa e investimentos em saúde pública. Restando um dia para o segundo turno, Lula e Bolsonaro buscaram minimizar temas espinhosos, para evitar desgastes com eleitores indecisos e também controlaram o próprio tempo, usando em geral poucos segundos em cada participação, na tentativa de evitar que o adversário falasse ininterruptamente ao fim de cada bloco.

“Não leve água para o Nordeste. Você (Lula) levou foi grana para o teu bolso”

Bolsonaro, ao perguntar sobre obras da transposição do Rio São Francisco

salário mínimo e o impacto de programas sociais. Por vezes, ignorando o conteúdo das falas do respectivo adversário, ambos repetiram respostas enquanto acusavam um ao outro de fugir das perguntas. Bolsonaro abriu o debate questionando Lula sobre informações, de que o atual presidente não daria aumentos no salário mínimo. Lula, que disse não ter “tempo para assistir” ao próprio horário eleitoral, reiterou que o atual governo não reajustou o salário mínimo acima da inflação, em contraposição aos 74% de aumento em gestões do PT. Em suas intervenções, Bolsonaro também acusou Lula de ter “pagado pouco” a beneficiários do Bolsa Família, citando a média de pagamentos de R\$ 190 em gestões anteriores, em contraste com o atual benefício mínimo do Auxílio Brasil, de R\$ 600. Ao rebater o adversário, o ex-presidente argumentou que o Bolsa Família era “parte de um conjunto de programas sociais”. Acusações de corrupção Em duas ocasiões nas quais Bolsonaro citou denúncias de corrupção em governos do PT — lembrando acusações de desvios em fundos de pensão e condenações na Lava-Jato —,

“Grana no bolso o povo brasileiro sabe quem levou. O Jair Messias Bolsonaro e sua família”

Lula, ao rebater acusações de corrupção do adversário

Lula devolveu o assunto ao atual presidente lembrando investigações que miram familiares dele, como o senador Flávio Bolsonaro (PL), por supostos desvios de salários de assessores, prática conhecida como “rachadinha”. O petista também alegou ter “certificado de idoneidade”, referindo-se à anulação de suas sentenças condenatórias com base na falta de atribuição da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgar seus casos e nas alegações de parcialidade do ex-juiz Sergio Moro. Bolsonaro, por sua vez, criticou a atuação do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin, relator das ações que resultaram na anulação. Política externa Enquanto Bolsonaro buscou associar Lula a regimes ditatoriais na Venezuela e em Cuba, citando investimentos do BNDES nesses países durante gestões petistas, o ex-presidente defendeu o multilateralismo em sua política externa e acusou o atual governo de estar “isolado” do mundo. Para rebater as afirmações do petista, Bolsonaro citou sua viagem à Rússia para reunir-se com o presidente Vladimir Putin na iminência da guerra

do país com a Ucrânia e disse ser recebido “com sucesso no mundo árabe”. Lula, por sua vez, defendeu a verba investida no exterior em seu governo como uma diplomacia “eficaz”, e procurou comparar o adversário ao regime cubano. — Negociei fertilizantes com a Rússia. Sem isso, imagine onde iria parar nossa segurança alimentar e de milhões de pessoas no mundo? — disse Bolsonaro. — Você isolou o Brasil mais do que Cuba. Ninguém quer te receber, ninguém vem aqui. Quem sabe ele foi recebido pelo rei da Arábia Saudita, que ele acha ser democrático — rebateu Lula. Roberto Jefferson Lula e Bolsonaro buscaram também associar um e outro ao ex-deputado Roberto Jefferson, preso após descumprir medidas cautelares determinadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e atacar agentes da Polícia Federal com armas de fogo e granadas. O ex-presidente foi quem levantou primeiro o caso de Jefferson, lembrando encontros recentes de Bolsonaro com o ex-deputado e mencionando que o atual presidente já foi filiado a seu partido, o PTB. Já Bolsonaro citou o envolvimento de Jefferson com o mensalão, es-

“Posso anunciar que, a partir do ano que vem, o salário mínimo será de R\$ 1.400”

Bolsonaro, citando uma nova promessa, não prevista no Orçamento

quema de cooptação de apoio parlamentar no governo Lula. — Ele tentou esconder o Roberto Jefferson, pistoleiro dele, que recebeu a Polícia Federal a tiros — afirmou Lula. — Roberto Jefferson é seu amigo, ele pegava grana de você para comprar voto de deputados na Câmara. Ele explodiu seu governo com o mensalão. Depois disso veio o petróleo — acusou o presidente. Investimentos em saúde Bolsonaro e Lula buscaram enaltecer a verba destinada à saúde em suas gestões e também acusar um ao outro de não terem se dedicado ao assunto. O atual presidente sugeriu que o petista teria priorizado construir estádios de futebol para a Copa do Mundo de 2014, em detrimento de investimentos em hospitais. O ex-presidente, por sua vez, citou atrasos na vacinação contra a Covid-19 e criticou a atuação do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello, defendido por Bolsonaro, além de reduções no orçamento de programas de governo. — A Farmácia Popular atendia pelo menos 30 milhões de pessoas, e o governo Bolsonaro cortou pela metade. Ele colocou como ministro um general que não entende nada de Saúde, a não ser comprar vacina mais cara — criticou Lula. — O general que você criticou foi o deputado mais votado do Rio. Nós fortalecemos os serviços de saúde — alegou Bolsonaro. Atuação da Justiça Eleitoral Em diferentes momentos, Bolsonaro criticou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e seu presidente, o ministro Alexandre de Moraes, citando decisões que considerou desfavoráveis à sua campanha, como a rejeição de um pedido que alegava, com dados inconsistentes, ter recebido menos inserções de Lula em rádios do Nordeste. O atual presidente também criticou a campanha do PT por ingressar com um pedido de direito de resposta contra a rádio Jovem Pan. Lula, por sua vez, se queixou do fato de o adversário atacar o Judiciário e decisões judiciais. — Aqui não tem o TSE para proteger de chamarem você de desconhecido — disse Bolsonaro. — O que os advogados do PT entraram foi com um pedido de isonomia — rebateu Lula.

“Vamos efetivamente isentar o imposto de renda para todos que ganham até R\$ 5 mil”

Lula, ao enfatizar promessa repetida ao longo do debate

# Guerra de inverdades e aborto elevam a tensão

Boa parte do tempo dos candidatos à Presidência no último debate antes do 2º turno foi dedicado a uma recorrente troca de acusações baseadas em informações falsas e descontextualizadas, na tentativa de caracterizar o rival como 'mentiroso'

O último debate dos presidentes foi marcado por ataques mútuos baseados em informações falsas, com Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) o tempo todo tentando imprimir no rival a pecha de "mentiroso", acusação que um disse ao outro muitas vezes. Outro ponto de tensão do debate foi a troca de acusações que protagonizaram sobre o aborto.

A discussão sobre o aborto, uma polêmica recorrente das eleições, desta vez foi trazida à pauta por Lula, frequentemente alvo de falsas acusações pela campanha de Bolsonaro de ter a descriminalização da interrupção da gravidez em seu plano de governo. No entanto, no segundo bloco, Lula confrontou o presidente lendo trechos de um pronunciamento feito por Bolsonaro na Câmara dos Deputados, em 1992, defendendo uma pílula abortiva para controle de natalidade.

— Candidato se lembra desse discurso? "Não adianta uma multidão de brasileiros subnutridos sem condição de servir ao seu país", concluiu o então deputado que oferece que seja distribuída pílula de aborto para a sociedade brasileira, em 1992, quando era deputado — confrontou Lula, lendo um papel. — Falou isso ou não?

O petista foi buscar nos registros da Câmara um discurso no qual o então deputado Bolsonaro de fato defendeu o controle de natalidade. A sugestão foi feita enquanto ele discursava sobre uma notícia sobre um medicamento que a China passaria a distribuir para os cidadãos para controlar a explosão populacional:



Contas. Lula reforçou que presidente disse várias mentiras durante mandato

— "É preciso, portanto, que todos tenhamos os pés no chão e passemos a tratar desse tema sem demagogia sem interesse partidário ou eleitoreiro, porque de nada adiantam nossas convicções religiosas, políticas ou filosóficas, quando se está em jogo, sem dúvida, uma questão bem mais grave e que, de fato, interessa à segurança nacional. Temos de viabilizar este país e apontar o caminho certo do desenvolvimento social e econômico", disse Bolsonaro em seu discurso à época. O então parlamentar afirmou que as famílias brasileiras deveriam ser conscientizadas sobre formas de "controlar as proles", métodos que deveriam

constar em currículos escolares. Em outro discurso, feito em agosto de 2003, Bolsonaro voltou a citar as pílulas abortivas como método de controle de natalidade. Em 2018, em sua primeira campanha à Presidência, Bolsonaro assumiu o discurso antiaborto como parte de sua plataforma política conservadora.

Após o ataque de Lula no debate, o presidente reagiu dizendo que não se lembrava mais do discurso de 30 anos atrás, mas que poderia mudar de opinião. E contra-atacou dizendo que Lula já defendeu a legalização do aborto, chamando-o de "abortista".

— Não confunda. É pílula do dia seguinte. Outra coi-



Fixação. Bolsonaro insistiu para Lula admitir que mentiu em propaganda

sa: trinta anos atrás? Eu posso mudar. Você há poucos dias falou que aborto é questão de saúde pública. Que as madames iam fazer aborto lá fora. Você é abortista, Lula, abortista convicto. E sempre trabalhou com isso.

Lula respondeu: — Primeiro, sou contra o aborto e minhas mulheres eram contra aborto. Minha mulher é contra o aborto. Eu respeito a vida, porque tenho cinco filhos, oito netos, e uma bisneta. Portanto, se você quiser jogar a culpa do aborto em alguém, jogue em você mesmo porque em mim não cola.

Apesar de repetido que é contra o aborto, o ex-presidente Lula já disse publicamente que o aborto deveria ser trata-

do como uma questão de saúde pública, um dos principais argumentos dos defensores da descriminalização. Em abril deste ano, em um debate realizado em São Paulo com a participação de integrantes do Parlamento Europeu, o petista defendeu o direito das mulheres de decidir, afirmando que "madame pode fazer um aborto em Paris" ou "ir para Berlim procurar uma clínica boa", enquanto mulheres pobres morrem ao tentar fazer o aborto.

— Aqui no Brasil ela não faz porque é proibido, quando na verdade deveria ser transformado numa questão de saúde pública e todo mundo ter direito e não ter vergonha — afirmou, na ocasião.

Um dos exemplos de ata-

que baseado em informação falsa, ao pautar o tema da flexibilização das armas, Bolsonaro voltou a falar sobre um ato de campanha que Lula fez no Complexo do Alemão, no Rio, em 12 de outubro, afirmando que o petista foi à comunidade encontrar criminosos e que "ninguém entra lá sem a polícia".

— Não foi para ver o povo ordeiro e trabalhador, que é maioria. Você foi encontrar chefões do narcotráfico. Quis apenas fazer média com esses bandidos?

Em outro momento, o presidente sugeriu ligação do petista com chefes do PCC, dizendo que Lula não teve coragem de transferir Marco Williams Camacho, o Marcola, para presidio de segurança máxima. A decisão da transferência no entanto, cabe ao governo de São Paulo, não ao federal.

Já Lula, provocado por Bolsonaro desde o início do confronto a desmentir uma propaganda do PT que o acusava de, num eventual segundo mandato, acabar com férias e 13º salário do trabalhador, atribuiu falsamente a suposta declaração ao ministro da Economia, Paulo Guedes:

— Quem falou de 13º e férias foi o Guedes, pede pra sua assessora dizer que ele não falou que ia acabar com 13º e férias.

No entanto, não há plano conhecido do Ministério da Economia para acabar com os benefícios citados. O que a campanha de Lula vem explorando nos últimos dias é um questionamento de saúde pública e todo mundo ter direito e não ter vergonha — afirmou, na ocasião.

## 'Quem tiver mais votos leva, isso que é a democracia'

Bolsonaro pela primeira vez declara que vai respeitar o resultado das urnas sem impor uma pré-condição para isso

JOÃO PAULO SACONI, JOHANNES ELLER E NATÁLIA PORTINARI  
 @jpsaconi @jpsaconi @jpsaconi  
 @jpsaconi @jpsaconi @jpsaconi

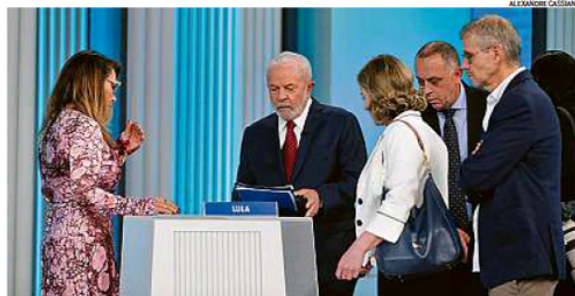
No evento final de uma campanha em que alterou a contestação da lisura do processo eleitoral com declarações dúbias sobre respeitar o resultado das urnas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou pela primeira vez ontem que aceitará uma eventual derrota, sem impor condicionantes. Entrevistado na TV Globo logo após o debate, o presidente declarou: — Não há a menor dúvida. Quem tiver mais voto leva. É isso que é democracia — afirmou o presidente, em entrevista à jornalista Renata Lo Prete.

O duelo decisivo entre Lula e Bolsonaro falou bastante sobre o momento da campanha pelo que aconteceu nos bastidores. No estúdio da TV Globo, o presidente substituiu o filho Carlos Bolsonaro, a quem foi atribuída a agressividade do titular do Palácio do Planalto no último debate do primeiro turno, pelo senador eleito Sérgio Moro (União-PR), pelo ministro Fábio Faria (Comunicações) e pelo coordenador

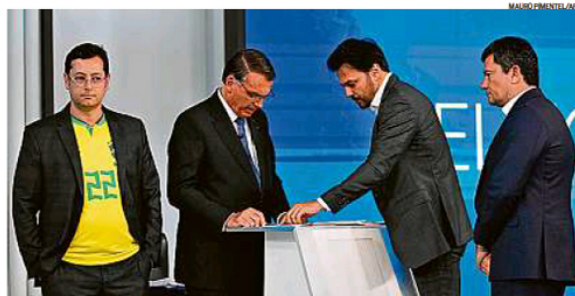
de comunicação da campanha à reeleição, Fábio Wajngarten. Já o ex-presidente Lula chegou acompanhado de uma comitiva feminina: as senadoras Simone Tebet (MDB-MS) e Eliziane Gama (Cidadania-MA), a deputada eleita Marina Silva (Rede-SP), a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e de sua mulher Rosângela Silva, a Janja. Além do eleitorado feminino, a mensagem do petista mirava evangélicos, ambientalistas e o eleitorado de centro.

Desta vez, Carlos chegou a ser incluído na lista de convidados, mas já não constava no planejamento da equipe para permanência no estúdio. Ele ficaria no camarim de Bolsonaro, onde estavam nomes como o pastor Silas Malafaia e os ministros Ciro Nogueira (Casa Civil) e Adolfo Sachsida (Minas e Energia). Até a noite de anteontem, Moro não tinha sido convidado para ir ao debate. Assim que recebeu a mensagem, por meio de um membro da campanha, ficou apostos e foi até o Rio "ajudar" na preparação do presidente.

Na comitiva de Lula, Eliziane Gama foi fiadora da carta aos evangélicos assinada pelo petista há duas semanas, em



Simbolismo. A comitiva de Lula era predominantemente feminina, com Gleisi Hoffmann, do PT, e Janja entre elas



Troca. Desta vez, Bolsonaro substituiu o filho Carlos por Fábio Faria, Moro e Wajngarten nos estúdios da TV Globo

um aceno ao eleitorado hoje dominado majoritariamente por Bolsonaro. Lula, aliás, começou o debate com recados claros aos mesmos segmentos: agradeceu a Deus pela oportunidade do debate, citou o povo negro e criticou a política econômica de Bolsonaro.

### PESQUISAS COMO MUNIÇÃO

Durante o debate, os candidatos usaram pesquisas internas de suas campanhas para tentar desgastar o adversário. Levantamentos da equipe de Bolsonaro mostram que ele enfrenta problemas entre os aposentados e pensionistas, informou a colunista Bela Megale. Lula também tinha esse dado e bateu na tecla para desgastar o presidente, afirmando que em seu governo não houve aumento real do salário mínimo e explorando o vazamento de plano do Ministério da Economia de desatrelar o reajuste dos benefícios previdenciários da inflação. Chamado mais uma vez de "golpista" por Lula, o ex-presidente Michel Temer (MDB) disse que o petista está "descompensado" e que irá perder votos por tê-lo classificado dessa forma no debate.

— Estou recebendo mensagens de gente que iriam votar nele e não vai mais por causa disso. Muita gente do MDB está me mandando mensagem dizendo isso. Cotidiano, não posso culpar ele. As vezes, a pessoa está em um debate e diz coisas assim — disse Temer.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Política **Página:** 4 e 6